

# Canjeté

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

ano 3 - edição 09 - Maio de 2018



## Vera Duarte

Literatura e Música estão no DNA do Cabo-Verdiano

por Rosália Diogo



# CHICADA SILVA



## Alegria de quem veste!

chicadasilva.com.br

# Canjerê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

## Editorial

### Queremos mais

Não poderíamos começar este editorial sem mencionar as atrocidades que vem ocorrendo no Brasil com relação ao genocídio físico e cultural da população negra. Vivemos momentos de retrocessos políticos os quais afetam toda estrutura social formada por pessoas que lutaram veementemente pela igualdade social do povo negro. O recado que nos querem passar é nítido e objetivo: "Até aqui, você pode"! Só que o povo preto quer mais.

O que nos fortalece é o acompanhar os encontros, debates, manifestações, palestras e outras formas de dialogar com os movimentos acerca das relações raciais de maneira profunda, e no intuito de formar pessoas com consciência crítica para que, num futuro, tenhamos um cenário mais humano e igualitário.

A revista Canjerê, por ser produzida de forma colaborativa, e escrita por pessoas que geralmente vivenciam o que escrevem, tem contribuído no sentido de dar voz a quem fala sobre experiências pessoais.

O destaque da capa, desta edição, é exatamente uma das propostas da Canjerê: fazer uma ponte de diálogo entre Brasil e África. A escritora, juíza, desembargadora e Ex-Ministra da Educação e Ensino Superior, Vera Duarte será este ponto de intersecção entre mares. Sua valorosa contribuição possibilita conhecermos um pouco mais sobre Cabo Verde, seu país. Ao abordar a política, a literatura, a relação homem e mulher, o racismo no Brasil, e tantas outras pautas sociais descortina vivências e questionamentos que afetam as vidas nos dois países.

Ainda falando sobre personalidades do continente africano, o destaque da seção Negócios é Priscilla Mungai. Natural do Quênia, a engenheira industrial trabalha em uma grande empresa brasileira. Seu ponto de vista sobre racismo, mulheres negras e o mercado de trabalho no Brasil mostra o quanto ainda temos que caminhar em prol de relações menos desiguais.

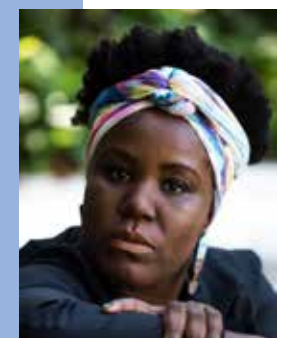
Na seção entrevista, o professor Alisson Ferreira, fala sobre educação étnico racial, os 130 anos da Abolição e, sobre o Brasil de hoje do ponto de vista político.

Enfim, desejamos uma boa leitura, e que a Revista Canjerê possa continuar sendo uma importante fonte de pesquisa e diálogo.

Finalizamos com um grito de justiça:

Marielle, presente!

Anderson, presente!



**Sandrinha Flávia**  
Editora

## SUMÁRIO

- p6** Entrevista  
Alisson Ferreira: um professor militante
- p18** Matéria de capa  
Vera Duarte - Literatura e Música estão no DNA do Cabo-Verdiano
- p24** África  
Priscilla Mungai - Uma profissão, dois países: uma queniana vivendo no Brasil
- p26** Ensaio  
Maria Luiza Viana e Érico Cornélio - Hip Hop: Estética negra, fenômeno cultural
- p10** Comportamento  
Coletivo pretasT - TRANSparecer da mulher negra
- p11** Cultura - Artes Visuais  
Cem anos da Irmandade Os Carolinos
- p12** Canjerê  
Malungo, Poetizar, Iemanjá, Rosário e Canjerê
- p14** Gente do Canjerê  
Samira Reis - Sua história é de superação e de busca por espaços
- p16** Olhar Social  
Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado – Espaço de fomento das diversidades!
- p22** Negócios  
Conheça a trajetória de Bianca Pereira, a nutricionista que se reinventou
- p29** Cultura - Literatura  
Miriam Alves: Cara Pintada e (Re)desenhar - Ilustração: Maria Luiza Viana
- p30** Cultura - Teatro  
Amok Teatro completa 20 anos de história
- p31** Cultura - Música  
JUlgamento: Eles estão de volta

Agradecemos a todos da equipe Casarão das Artes e aos parceiros do Brasil e do exterior que aceitaram o desafio de construir esta importante fonte de informação e pesquisa.

Foto da Capa:  
Rosália Diogo



### Colaboraram nesta edição:

Alice Pereira, Alina Yuan, Bianca Pereira, Bruno Gomes, Bruno Vieira, Cirque Africa, Coletivo PretasT, Editora Nandyala, Edson Brown, Érico Cornélio, Letícia Souza, Mateus Dias, Marco Aurélio Prates, Mauro Brito, Miriam Alves, Patrick Arlei, Patrícia Gomes, Priscilla Nyambura Mungai, Robson Di Brito, Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina e Veronica Manevy



Foto: acervo pessoal

Matéria de Capa

**Rosália Diogo**

Vera Duarte - Literatura e Música estão no DNA do Cabo-Verdiano

### Patrocínio:



## Expediente

INSTITUTO CULTURAL CASARÃO DAS ARTES  
Presidente  
Marcial Ávila

Vice-Presidenta  
Samira Adriano Reis

Curadora  
Rosália Diogo

EDITORIAL  
Diretora de redação  
Rosália Diogo

Editora  
Sandrinha Flávia

Repórteres  
Moisés Mota, Roger Deff e Samira Reis

Editoração  
Leonardo Oliveira e Maria Luiza Viana

Ilustração  
Leo Ramaldes, Marcial Ávila e Maria Luiza Viana

Fotografia  
Sol Brito  
Ricardo Laf (Tratamento de imagens)

Colaboração Editorial  
Naiara Rodrigues

Revisão  
Paulo Roberto Antunes

CONSELHO EDITORIAL  
Carlos Serra  
Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique

Edimilson de Almeida Pereira  
Universidade Federal de Juiz de Fora - Brasil

Eduardo de Assis Duarte  
Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

Filinto Elísio  
Rosa de Porcelana Editora - Cabo Verde

Ibrahima Gaye  
Centro Cultural Casa África - Brasil - Senegal

Maria de Mazzarelo Rodrigues  
Mazza Edições - Brasil

Marcial Ávila  
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Maria Nazareth S. Fonseca  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

Olusegun Michael Akinrulli  
Instituto Yourubá - Brasil - Nigéria

Patricia Gomes (Guiné-Bissau)  
Universidade Federal da Bahia - Brasil

Rosália Diogo  
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Av. Bernardo Monteiro, 414  
Bairro Santa Efigênia  
30150-280 - Belo Horizonte/MG  
Telefone: (31) 3273 0601  
artescasarao@gmail.com



# Alisson Ferreira: um professor militante

**Sandrinha Flávia**

Graduanda em jornalismo, editora, locutora e mestra de Cerimônias



Alisson Augusto Ferreira nasceu em Divinópolis - MG em 1979. Filho de dona Ângela Ferreira e Jésus Ferreira (falecido), professor Alisson, como é conhecido, se autodeclara um inquieto, isso porque o seu trabalho como professor e o seu o engajamento sociopolítico nas questões do movimento negro movem a sua caminhada.

De 2011 a 2017, Alisson atuou como vice-presidente do Movimento Negro de Divinópolis e atualmente assumiu o posto de presidente da instituição. Seus trabalhos em prol da igualdade racial e pela juventude foram reconhecidos oficialmente em uma homenagem na Câmara Municipal de Divinópolis em 2011 quando foi agraciado com a Comenda Consciência Negra.

Graduado em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, mestrando em Ciências Políticas (Universidade Lusófona de Portugal) e pós-graduado em História e Cultura Afrobrasileira e Africana pela PUC-MG, além de especialista em Ciências Políticas (UNIFIL), o professor retribuiu todo conhecimento conquistado, com muita luta, em entrevistas, projetos sociais, palestras, oficinas, workshops etc.

Outra atividade que faz os olhos do professor Alisson brilharem é o seu trabalho como treinador de futebol de base, “O combustível do meu cotidiano é poder estar empreendendo algo, vivendo as possibilidades que a vida me apresenta”, disse. E a vida é sempre desafiadora: em 2017, o professor foi candidato a vice-prefeito pelo PT – Partido dos Trabalhadores, em Divinópolis.

Nesta entrevista, Alisson fala com propriedade sobre a importância da LEI 10639 para a educação no Brasil, os 130 anos da abolição, o futuro político do Brasil e sobre o projeto “Escritos Juvenis”, realizado na escola onde leciona e que tem despertado reflexões e revelado talentos.

Como foi a caminhada para exercer a profissão professor?

Olha não foi fácil. A sempre difícil relação trabalho-universidade, o financeiro comprometido com a ajuda em casa e as muitas horas de leitura me proporcionaram uma verdadeira temporada de afastamento da vida social. Passei muito tempo envolvido em assuntos acerca da História e das relações político-sociais e quando chegou o fim de 2006 vi que muita coisa havia mudado em mim. Não conseguia mais olhar o mundo ao meu redor sem tentar fazer algo por ele. Eu passei no concurso da Prefeitura e fui chamado a ser professor em junho de 2008. Tudo a partir daí ganhou proporções gigantescas. Eu iria cuidar da construção crítica de centenas de adolescentes e jovens, não dava para encarar essa nova fase sem contextualizar cada realidade diante de mim. O professor é o arquiteto de algo imensamente libertador, a educação para a vida. Isso é muito sério e prazeroso.

Você é uma referência em Minas por seu engajamento nas causas sociais. Como e quando se deu o seu despertar para a política e as causas que você defende?

Meu despertar para a política foi já bem novo. Meu pai e minha mãe sempre estiveram ligados a questões sociais. Cresci acompanhando meu pai em reuniões de conselho de bairro. A atuação dos dois nas pastorais sociais da Igreja Católica também me ajudaram a cunhar o interesse pela temática. No final da década de

noventa, entrei para luta estudantil e participei de muitas manifestações em prol da melhoria da Educação no país e pela Reforma Agrária. A vida partidária se deu no início da década de 2000. Nesse período, a causa da negritude gritava em mim com mais propriedade e fui cursar na PUC-MG a especialização em História e Cultura Afrobrasileira e Africana. Meu universo se expandiu e a luta ganhou corpo intelectual. Me formei no final de 2008 e fui militar no MUNDI, Movimento Unificado Negro de Divinópolis.

Sobre a LEI 10639, como você percebe a evolução da pauta da educação afrobrasileira, africana e indígena no currículo escolar?

Eu sou um entusiasta de qualquer vitória do movimento negro. A lei 10639 é uma importante ferramenta de resistência dentro do universo escolar. Tratar as nossas origens sem as negligências da história oficial é extremamente importante e colocar a comunidade afrodescendente e os indígenas como protagonista de sua história é fazer justiça a eles que são os pés e as mãos de nossa sociedade. Quando falseavam os textos históricos, mutilavam a história de todo povo brasileiro. Considero que os avanços conseguidos em anos de luta dos Movimentos Negros que resultaram em sinais visíveis de um amadurecimento jurídico da causa negra devem ser celebrados e acrescidos de mais e mais lutas para que os ganhos atuais não fiquem nas frias letras do texto legislativo, mas venham realmente para se agregarem

O professor é o arquiteto de algo imensamente libertador, a educação para a vida. Isso é muito sério e prazeroso.

às instituições de ensino, às associações de bairros, às ONGs, às igrejas e, principalmente, à consciência das pessoas fatores de inserção social e de edificação da pessoa humana.

Você criou o Projeto Escritos Juvenis na Escola Municipal Professor Bahia, em Divinópolis, com textos produzidos por alunos. Qual o resultado desse projeto?

Sou apaixonado por leitura e amo escrever. A disciplina de história proporciona muitos debates acerca de artigos propostos para as aulas. No ano de 2015, iniciei um grande debate sobre liberdade de expressão em duas turmas de nonos anos. Desses debates, e também em rodas de conversas, surgiram bons textos com abordagens sobre a corrupção, afinal estávamos vivendo uma verdadeira tempestade midiática sobre o assunto. As produções mereceram ganhar um formato literário, algo que valorizasse o trabalho dos adolescentes e desse a eles uma visibilidade para além dos muros da escola. Assim surgiu o Projeto Escritos Juvenis. No ano seguinte, 2016, outra turma produziu seu livro debatendo a diversidade em todas as suas formas e cores e, no ano passado, 2017, o universo da luta das mulheres deu nome ao livro. Eu só provooco os adolescentes, mas são eles os verdadeiros merecedores de elogios e condecorações. Numa sociedade tão alienada, ver jovens debatendo

temas tão sérios e caros aos nossos tempos é um oásis no meio do deserto crítico em que vivemos.

Por falar em educação, assisti a um vídeo seu, do ano de 2013, em que você fala sobre os investimentos na educação como forma de criar pessoas com consciência mais crítica, além de mencionar sobre investimentos voltados para a inclusão e alavancar as bases das comunidades mais pobres por meio da educação. O que mudou na sua fala de 2013 para 2018?

Vejo que temos desafios novos aliados aos que abordei em 2013. Hoje temos um ataque aos direitos adquiridos e um enfraquecimento das ferramentas de intervenção social. Tudo isso compromete uma boa educação. Quando se retira direitos essenciais ao desenvolvimento do cidadão, se perde muito na forma de construir a educação. Ela não se desassocia do mundo do trabalho nem tampouco se furta aos problemas éticos de nossa classe política. As tentativas de retirar a criticidade das escolas são um perigo à democracia. As comunidades pobres voltaram a ser vistas como redutos da criminalidade e o berço do Brasil que as elites governamentais querem deixar mais uma vez à margem dos programas de governo. Observo com pessimismo a educação voltando a ser mensurada em mecanismos

quantitativos em detrimento da qualidade do ensino e da valorização dos profissionais que atuam na área. Há um latente dismantelamento do ensino público e, aos poucos, vamos ver que os modelos mercadológicos educacionais serão apontados como a salvação do Brasil. Espero resistir junto com as comunidades periféricas a todo mal que eles estão tentando levar à educação de nosso país.

Nos 130 anos da Abolição da Escravatura, o que você, como militante da causa negra, tem a dizer?

A luta nunca esmorece. As marcas da escravidão não deixam a nossa nação. Enquanto criminalidade, pobreza, desemprego, analfabetismo e tantas outras mazelas tiverem um viés racial não podemos deixar de lutar. Tivemos inúmeras vitórias nes-

ses 130 anos e é preciso celebrar todas, porém as elites que tomaram de assalto novamente o Brasil personificam a Casa Grande e vão fazer de tudo para dismantelar as vitórias conseguidas pelo Movimento Negro. Basta olharmos os últimos atos governamentais que desobrigaram a lei 10639 nas escolas e enfraqueceram o currículo crítico do ensino público. Devemos sempre fazer memória viva a luta de Zumbi. Sem esse resgate não podemos caminhar por sob as águas agitadas desses tempos atuais. A luta de Zumbi está, como diria o cantor e compositor Renato Russo, “nos uniformes e cartazes, cinemas e nos lares, favelas, coberturas, em todos os lugares”. Essa luta é sinfonia urbana que muitos insistem em não querer ouvir ou fingem que ouvem. Zumbi é música urbana, é gráfito nos muros, é a dança do jovem nas periferias, é o cantar das folias, são os reis e as rainhas congas em suas cortes de cidadãos brasileiros.

Do ponto de vista político, como você analisa o momento em que vive o Brasil, e como você vê a política no futuro?

Estão eivando as instituições políticas em nossa nação. É triste analisar que nada se alicerça nem busca se estruturar eticamente. Quando se tem tantos atores políticos envolvidos em denúncias e ações deletérias é porque, mais que uma crise política, vivenciamos uma profunda crise ética que fratura dolorosamente nossa recente história. Gosto de enredar minhas análises com música. Falar de política é, por vezes, algo carrancudo e estafante, mas a música popular brasileira nos ajuda muito ver a esperança por vezes ofuscada

pela corrupção. Gonzaguinha cantou: “Eu acredito é na rapaziada que segue em frente e segura o rojão”. Temos uma República bem nova e ainda pontuamos na construção da cidadania. Assim como Gonzaguinha, eu acredito é na força do povo. E por acreditar na força do cidadão que vejo a urgência da construção, utilização e fomento de espaços e ferramentas de participação popular nas cidades. Isso se mostra cada dia mais evidente: é a solução. A crise política que vivemos esconde um dano bem maior que os rios de dinheiro em malas e apartamentos. Ela afronta a consciência cidadã e macula o caminho da democracia, tirando o norte social de milhões de brasileiros.

Você está sempre envolvido na militância da causa social, abraçando demandas que exigem muito equilíbrio. Como você faz para equilibrar as emoções?

Cruzo leituras e povoo minha cabeça com discussões que abarcam várias dimensões da vida social. A humanidade é minha casa e meu trabalho, sendo assim as minhas emoções têm que encontrar sintonia com meu ofício. Não posso servir aos que me são confiados com desequilíbrio. Busco entender tudo como em um autoconhecimento e interajo com os fatos e situações dando soluções possíveis e não querendo respostas e resultados absolutos. Sem absolutizar as coisas, caminho. Isso me acalma.



Foto: arquivo pessoal

# TRANSparecer da mulher negra

**Coletivo pretasT**

Coletivo de Mulheres Negras Trans de Belo Horizonte



Fotoarte: Alice Pereira

Enquanto mulheres trans negras sentimos urgência em tratar de assuntos que perpassam pelo nosso universo, pois, a cada dia, estamos nos configurando enquanto sujeitas de ações políticas de uma sociedade. Quando negamos a matriz, passamos a ser subalternizadas por representar o que é tido enquanto mulher e por desviarmos da imposição do que é tido como normalidade.

Hoje, caminhamos em um movimento de desocupação dos espaços impostos pela ciscoloneidade na tentativa de construir protagonismos que sejam de fato constituídos exclusivamente por nós, unidas pelos múltiplos e diferentes aspectos que nos constitui dentro do feminino. A interseccionalidade alia à disposição de se pensar o movimento transfeminista. Contudo, o desabrochar da mulher negra trans nasce em meio a diversas negações como saúde, educação, cultura, empregos formais, além da não naturalização dos corpos. Antes de sermos afetadas pela opressão de gênero, o racismo impõe a permanência nas margens sociais. Quantas vezes nossa negritude foi invisibilizada

pela transfobia? Somos privadas de direitos fundamentais, garantidos institucionalmente. Nessas ausências, percebe-se a carência de nos fortalecermos para começarmos a preencher essas lacunas.

### **Assim, nasce o pretasT.**

Ao longo das vivências e identificações, nós nos afirmamos. Nos unimos enquanto comunidade, entendendo que sozinhas conseguimos, mas, juntas, conquistamos.

# Cem anos da Irmandade Os Carolinos

A terceira guarda de congado mais antiga de Belo Horizonte completou cem anos de história

**Naiara Rodrigues**

Jornalista e assessora de imprensa

Sua origem data o início do século XX, na antiga região de Lagoa Seca, área que hoje corresponde ao município de Esmeraldas. Naquela época, a região era ocupada por grandes fazendas até pouco tempo escravocratas. Francisco Calu, também conhecido como Chico Calu, fundou, por volta de 1917, uma guarda para louvar Nossa Senhora do Rosário, a Guarda de Moçambique e Congo Sagrado Coração de Jesus – Irmandade Os Carolinos.

A história do grupo se confunde com a de Belo Horizonte: a irmandade se instalou no bairro Aparecida, em 1937, quando Luiz Carolino, filho de Calu, trouxe para a capital mineira a tradição que perdura com o resgate da ancestralidade passado de geração a geração.

Hoje o neto de Luiz, Nelson Pereira, é o membro mais velho do grupo e capitão mestre da irmandade que conta com cerca de 50 integrantes. Ele carrega o desafio de cultivar essa manifestação cultural e religiosa que evidencia a riqueza da tradição afro-mineira em BH. “Na minha época, eu dançava congado obrigado pelo meu avô. Hoje em dia, a gente não pode mais ser assim, senão a gente perde os jovens que são o futuro dessa tradição. É preciso ter muito jogo de cintura para conseguir manter esses jovens, saber lidar com eles para que cultivem e continuem gostando da tradição”, destaca Nelson.

Fotografias dessa manifestação e elementos da história do grupo leva-

ram cores ao Museu Inimá de Paula no início deste ano com a Exposição Reinado de Chico Calu. Os registros foram feitos pelos fotógrafos Netun Lima e Patrick Arley, este também antropólogo que desenvolveu uma pesquisa de antropologia visual com manifestações afro-brasileiras em Belo Horizonte. Em junho, a Irmandade entra em festa com as comemorações realizadas na sede do grupo na Rua Amiro Rodrigues Campos, 276, Aparecida.

**Festa de Nossa Senhora do Rosário e Sagrado Coração de Jesus**  
Programação Junho de 2018

Domingo, dia 10 – Levantamento da Bandeira de aviso  
De 15 a 23 – Novena em homenagem à padroeira do grupo  
Domingo, dia 24 – Festa-grande.  
Segunda-feira, dia 25 – Encerramento



Foto: Patrick Arley

CANJERÊ

## Malungo, Poetizar, Iemanjá, Rosário e Canjerê

Equipe Casarão das Artes (textos e fotos)

Entre dezembro de 2017 e março deste ano, algumas potentes ações foram realizadas em Belo Horizonte pelo Casarão das Artes, ou acompanhadas pela nossa equipe de colaborador@s.

### Lançamento da Revista Canjerê 8ª Edição

No Museu das Minas e do Metal, realizamos o lançamento da oitava edição da Revista Canjerê, e não só! Aproveitamos a ocasião para lançarmos conjuntamente o trabalho de alguns colaboradores que nos são muitos caros. Assim, no mesmo dia de colocarmos mais uma edição da Canjerê no ar, o Jornal Malungo, do designer Matheus de Souza Viana, veio ao mundo. O MALUNGO é a síntese do trabalho de conclusão de curso em Design de Matheus pela Universidade Federal de Minas Gerais. O resultado desse trabalho é apresentado por meio de um jornal que tem como objetivo levantar reflexões sobre a presença do design gráfico no combate ao preconceito racial negro.

O outro parceiro que se somou à nossa festa de lançamento foi o jovem poeta, de 15 anos, João Lucas, que promoveu uma sessão de autógrafos do livreto "Poetizando com João", são histórias, contos, cenas e poemas que o autor pretende levar a todos os cantos. Segundo João, "quando escrevi a primeira poesia, com 11 anos, ainda não tinha ideia de como escrever é maravilhoso. Fui escrevendo e aprendendo, e entendi que a poesia é um jeito de me expressar para o mundo, mostrar minha visão, sonhos e sentimentos". Para o Casarão das Artes, é uma alegria ter o trabalho desse precoce poeta somando-se às nossas realizações. O momento foi coroado com um sarau, protagonizado pelo próprio João, pela sua irmã, Raisla Maria, e pelas cantoras Aisha, Zahi e Sarah Silva. O evento aconteceu no dia 7 de dezembro, no Museu das Minas e do Metal.



### Monumento à Iemanjá

Na semana seguinte, no dia doze, aniversário da cidade, acompanhamos, na Orla da Lagoa da Pampulha, a entrega do Monumento à Iemanjá. Ele se constitui em elemento simbólico para os devotos das práticas religiosas de matriz africana. O entorno do monumento é território de diversas celebrações e manifestações que veem no local a representação dos conteúdos socioculturais particulares. As homenagens à Iemanjá ocorrem no Brasil há muito tempo. Em Belo Horizonte, acontece anualmente a Festa de Iemanjá sempre no mês de agosto. Essa festividade ocorre de maneira sistemática, aproximadamente desde 1957. Inicialmente a concentração acontecia na Praça da Estação, de onde partia uma carreta rumo à Lagoa da Pampulha.

### Reconhecimento de Comunidades Quilombolas

No dia seguinte, 13 de dezembro, estivemos presentes em uma cerimônia muito especial no Museu Histórico Abílio Barreto: solenidade de reconhecimento das três Comunidade Quilombolas Urbanas de Belo Horizonte como Patrimônio Imaterial da cidade. Seguramente se tratou de um passo muito importante para o percurso de valorização do poder público em relação à cultura negra da cidade.



### Mestre Conga, 91 anos de vida

No dia 02 de fevereiro, Mestre Conga completou 91 anos de vida, sendo 72 anos dedicados ao samba. Para celebrar essa data, foi realizada uma roda de samba comemorativa em que o próprio mestre cantou e contou algumas de suas histórias em relação ao samba belo-horizontino. Segundo Conga, em 1938, foi criada a Pedreira Unida, na Pedreira Prado Lopes, região Noroeste, escola que logo deu origem a outras. Mas a alegria do povo durou pouco. "Quando veio a guerra (1939-1945) e os pracinhas foram lutar na Europa, as manifestações populares foram proibidas. O Carnaval ficou parado até acabar o conflito", lembra Mestre Conga. A agenda de aniversário do Mestre foi realizada no Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado.



### Canjerê Mulher

E, para a realização da quinta edição do Canjerê Mulher, foi realizado, no dia 24 de março, o Canjerê Mulheres que fazem. A convidada da vez foi a Rainha Conga do Estado de Minas Gerais, Isabel Casimira. O evento aconteceu no Centro de Referência da Cultura Popular Lagoa do Nado.



Terreiro da Rainha do Congo de Minas Gerais, Isabel Cassimira

Contamos com o seu fôlego para nos acompanhar nas inúmeras agendas que ainda estamos construindo para 2018!

## Sua história é de superação e de busca por espaços

**Roger Deff**

Rapper e jornalista

Jornalista, colaboradora da revista Canjerê e modelo, a mineira nascida em Divinópolis, Samira Reis, escolheu BH como sua segunda casa. Determinada em relação aos seus objetivos, enfrentou os desafios colocados à sua frente com disposição e otimismo. Sua história, assim como a de outras mulheres negras brasileiras, é de superação e de busca por espaços. Numa sociedade marcada pela invisibilidade de grupos sociais como mulheres e afrodescendentes, ela escolheu caminhos nada fáceis que vão justamente na contramão tanto da invisibilidade quanto do silenciamento comumente impostos. O anseio por novos caminhos fez com que ela se torna uma das primeiras da sua família a entrar para uma faculdade. “Fui a segunda a ingressar na academia. Do lado materno, tenho um tio formado em Letras. Quando falo sobre isso, retomo ao abismo em que vivemos. Minha mãe tem cinco irmãos, sendo dois falecidos. Somente um conseguiu entrar em uma faculdade. Meu pai tem nove irmãos, e nenhum teve essa experiência”, conta, enfatizando que esse núcleo foi o que incentivou outros da sua família

a continuarem seus estudos.

Apaixonada por TV, dedicou seu aprendizado na faculdade a essa área em especial e, após formada, foi coordenadora do laboratório da TV universitária da instituição em que estudou. Mais tarde, mudou-se para Belo Horizonte, onde foi repórter institucional de uma universidade, experiência que lhe rendeu vários aprendizados, além de ter estreitado suas relações com o movimento negro.

“Amadureci profissionalmente e como pessoa, mulher negra. Quebrei tabus comigo, alguns que me cercavam e fui cada vez mais adentrando nas pautas do movimento negro. A capital mineira me presenteou de várias maneiras, à qual sou grata”, enfatiza.

Ainda adolescente, antes mesmo de ocupar a academia num curso de comunicação, Samira Reis atuou também como modelo, outro desafio, uma vez que são lugares onde a ideia de beleza está predominantemente ligada a uma estética europeia. “Atualmente faço poucas coisas na área. Mas percebo que essa mentalidade da magreza, altura e beleza europeia ainda permeia as agências brasileiras”, conta.

O teatro foi outra das suas experiências, e antecedeu as duas carreiras que vivenciou na fase adulta. Samira lembra que fazia teatro em sua cidade natal desde os 12 anos de idade e se descreve como uma “apaixonada pelos palcos, pelos desafios de encarar novos personagens”. Aos 16, ingressou num curso de modelo e confessa que essa perspectiva a deixava um pouco assustada, mas tomou gosto pelo trabalho com o tempo. “Aos poucos, fui ganhando gosto pela coisa. Minha altura era meu forte e me permitia destacar nos trabalhos em que era escalada. No entanto, passei pela pressão do corpo magro, de encarar roupas feitas para um único biótipo”, recorda. O sonho de atuar profissionalmente como modelo a levou até a capital paulista, onde conheceu algumas agências e pôde ver de perto o quanto aquele mercado era competitivo e restrito. Ao retornar para sua cidade, o foco foi a faculdade onde pôde mergulhar mais naquela que seria uma das suas grandes vocações profissionais: o jornalismo.





## Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado Espaço de fomento das diversidades!

**Rosália Diogo**

Professora, pesquisadora, curadora do Casarão das Artes, gestora do Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado



Mamour Bá e Banda

O Parque Fazenda Lagoa do Nado, sede do Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado, nasceu a partir de uma mobilização da comunidade, na década de 80, com a finalidade de preservar o espaço verde, e que seria transformado em um condomínio. Após a vitória da comunidade, o espaço tornou-se uma área pública, dando lugar a um parque e a um Centro Cultural, localizado na antiga casa da fazenda, em dezembro de 1992.

Fotos:  
Rosália Diogo e  
Ricardo Laf

A partir dessa conquista, inúmeros grupos, que hoje estão consolidados na agenda cultural da cidade, fincaram pé no espaço, muitas vezes experimentando o seu fazer artístico. Outros, oportunizaram aos visitantes do Parque assistirem a produções culturais e compartilharem as que já estavam em curso, mas acontecendo em espaços restritos.

A partir de 2014, o primeiro Centro Cultural da cidade passa a ser o Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado – CRCP, sendo espaço de fomento e debate em torno da cultura popular e tradicional, contribuindo para sua identificação, registro e promoção. O equipamento, além de oferecer oficinas, espetáculos e exposições, estrutura-se como um espaço de discussão permanente sobre a cultura popular na capital, configurando-se como um centro de excelência e importante espaço de formação.

O CRCP cria um canal aberto e contínuo de comunicação com os principais agentes e representantes da diversidade cultural da cidade, de forma a elaborar políticas públicas capazes de garantir as condições sociais de reprodução e perpetuação do nosso patrimônio imaterial.

Sua localização privilegiada é um oásis que confere ao equipamento cultural, um charme a mais em meio à natureza. O equipamento possui uma Biblioteca com um acervo rico e diversificado da cultura popular, uma Mini-usina, duas lonas de circo – Tenda do Bosquinho e Tenda da Praça do Sol, além de um Espaço de Múltiplos Usos. Dessa forma, fica garantida a continuidade das ações culturais que sempre foram a marca do Parque Lagoa do Nado, reforçando a vocação de um lugar que está a favor de seu público ao valorizar e reconhecer as suas manifestações culturais.



# Literatura e Música estão no DNA do Cabo-Verdiano

## Rosália Diogo

Professora, pesquisadora, curadora do Casarão das Artes, gestora do Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado

Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina (Vera Duarte) é cabo-verdiana. Escritora, juíza desembargadora, exerceu até março de 2010 as funções de Ministra da Educação e Ensino Superior e foi presidenta da Comissão Nacional para os Direitos Humanos e Cidadania, conselheira do Presidente da República e juíza conselheira do Supremo Tribunal de Justiça, entre outras funções. A sua primeira obra como escritora foi a publicação **Amanhã Amadrigada** (1993), em seguida publicou **O Arquipélago da Paixão** (2001), **A Candidata** (2004), **Preces e Suplicas ou os Cânticos da Desesperança** (2005), **Construindo a Utopia**, além de temas e conferência sobre direitos humanos (2007).

Em novembro de 2017, ela voltou a Belo Horizonte para participar da Festa Internacional Afroliterária - FLIAFRO, iniciativa da Nandyala Editora Livraria e Instituto. De maneira muito carinhosa e gentil, Vera recebeu a equipe do Casarão das Artes. Ao falar sobre a atual conjuntura econômica e política de Cabo Verde, ela nos revela que a ilha de Cabo-Verde é pequena, localizada na Costa Ocidental Africana, no Oceano Atlântico, próxima de Senegal e de Guiné-Bissau. Segundo Vera, quando os portugueses chegaram naquele território, em 1460, a ilha era desabitada, e permaneceu por um grande período com pouca povoação. Ela assinala que entre 1960 e 1962, ela foi ampla e rapidamente povoada.

### Panorama Político e econômico

Vera Duarte, nesta passagem por Belo Horizonte, nos posiciona historicamente, que Cabo Verde funcionou como entreposto entre as américas e a África, lugar de onde escoavam animais, mercadorias e homens e mulheres que eram transportados na condição de escravizados. Segundo ela, o seu país tornou-se uma sociedade que se formou de fora para dentro – negros e negras que vieram de outras partes da África trazidos de fora, alguns europeus. Ela informa que a maior parte das esposas dos homens portugueses não foram com eles para a ocupação da ilha. Assim, esses homens se relacionavam sexualmente com as negras que lá estavam, o que justifica a formação étnica mestiça no fenótipo, na gastronomia, na religiosidade, sobretudo, na questão do sincretismo.

Ela nos informa que a sociedade escravocrata que ali se formou foi amplamente constituída de escravizados trazidos de outras regiões do continente africano.



Segundo Vera, a independência de Cabo Verde foi efetiva, desde 1975. Para essa conquista, a experiência dos guerrilheiros de seu país, que estavam no front de guerra pró independência do Guiné Bissau, ocorrida em 1974 foi fundamental. Ela conta que o movimento de 25 de abril de 1974 devolveu a democracia a Portugal e que também foi uma importante contribuição para o processo libertário do seu país. E, desde então, tudo vai muito bem, obrigada, pois a nação de Cabo Verde é “assinalada por estatísticas mundiais como o segundo país mais bem governado na África, bem como um modelo de prática da liberdade de imprensa, um dos países mais livres do mundo, diz ela.

Um relato muito importante que Vera Duarte faz sobre a história do seu país, por volta de 1947-1948, informa que a população estava passando fome.



E, para atenuar a situação, muitas pessoas foram trabalhar nas plantações em São Tomé e Príncipe, país/ilha vizinha, praticamente na condição de escravidão. No entanto, a partir da independência, a situação econômica tem se mantido estabilizada no país.

Do ponto de vista do comando partidário, ela diz que o partido revolucionário que conquistou a independência do país, e se manteve na condução da nação durante quinze anos, se submeteu ao sufrágio universal. Explica que, de maneira democrática, tem ocorrido alternância para a gestão política do país, o que é uma vantagem muito boa em comparação ao que ocorre politicamente em outras antigas colônias.

O nível de educação atingiu o acesso universal, e essa condição foi atin-

gida até mesmo antes da data limite, tendo como referência os objetivos do milênio.

Cabo Verde é um país, de certa forma, pobre economicamente, segundo ela, pois não tem recurso mineral, por exemplo. No entanto, o povo é trabalhador e enfrenta o trabalho no campo com muita boa vontade, embora a chuva não é farta.

No entanto, muitos cabo-verdianos migram para outros países e conseguem enviar remessas para os seus familiares, contribuindo, assim, para a qualidade de vida deles. Outra forma encontrada pelo país para angariar recurso é o turismo. Segundo Vera, “estamos a buscar o caminho do desenvolvimento econômico mais amplo, ainda que a Organização das Nações Unidas considere que Cabo Verde é um país em desenvolvimento”.

#### Literatura

Vera Duarte é presidenta da Academia Cabo-Verdiana de Letras e se mostra bastante feliz quando esse tema lhe é apresentado. Ela diz que a literatura e a música estão no DNA do cabo-verdiano. Para ela, desde o momento que se iniciou o povoamento, houve escrita no país, com a escrita administrativa, relato dos processos de escravidão.

No entanto, foi a partir do século dezenove, 1842, com o advento da instalação da Imprensa Nacional, e das Escolas Maternais, que surgiram o fenômeno da literatura criativa. Para ela, a literatura é o meio mais potente de se tratar a realidade. O primeiro romance que trata de temática alusiva ao país de que se tem registro é de 1856, de José Evaristo de Almeida – **O Escravo**. A obra descreve, com minúcias, o que foi a si-

tuação de escravatura, sobretudo na Ilha de Santiago, que foi o local em que a escravização foi mais acentuada, por ter sido a primeira a ser descoberta, habitada. Portanto, foi a ilha que mais sofreu.

Ela denuncia que as mulheres não têm o mesmo destaque midiático na literatura, como é o caso do homem, mas é potente e crescente a produção literária de mulheres em seu país. Vera demarca que foi justamente após a independência do país que a escrita das mulheres ganhou a amplitude necessária. Para Vera, o governo Lula, com a implementação da Lei 10639/03, contribuiu de maneira acentuada para que a literatura produzida por mulheres negras, incluindo as africanas, fossem melhor acessadas no Brasil.

#### Relação entre homens e mulheres em Cabo Verde

Para nos responder à pergunta sobre como é a relação das mulheres no que se refere ao usufruto dos seus direitos, ela cita a filósofa Ana Arendt “os direitos humanos não estão dados, e sim, em construção”. Assim acrescenta que desde a independência, a luta pelo direito à igualdade, ao direito humano, à igualdade em todos os campos das relações societárias é contínua. Considera que, em muitas pautas, o país se encontra à frente do Brasil nas conquistas dos direitos da mulher como, por exemplo, no que se refere à interrupção da gravidez. Em Cabo Verde, desde o século passado, é legalmente aceito que a mulher faça tal interrupção, com até doze semanas de gestação, e com o consentimento do pai da criança.

Outro quesito que foi alterado

na legislação do casamento no país é o que se referia à nomeação do homem como chefe de família. Para quebrar com essa referência patriarcal, essa condição não existe mais. A lei atual prega que o casamento se trata em união voluntária entre dois seres iguais, portanto foi dado o mesmo papel para o homem e para a mulher. Ela foi a primeira mulher a entrar para a magistratura no país, e hoje o país conta com um número paritário de magistrados homens e mulheres. Vera Duarte considera essa realidade um grande avanço no que se refere às relações entre os sexos no país.

Vera informa que na educação também o país alcançou uma paridade entre meninas e meninos no processo de escolarização. O seu romance *A Candidata* (2004), discorre, em sua narrativa, sobre as conquistas das mulheres, sobre o seu direito de ser candidata à felicidade, à liberdade, ao amor, às escolhas, a ser sujeito, e não objeto.

Racismo em relação ao negro no Brasil

Para ela, o racismo no Brasil é um problema que sangra, pois a maior parte dos africanos que ela conhece não têm dimensão de como o país é racista em relação ao povo negro. Ela diz que os africanos são solidários com os negros brasileiros na medida que foram os ancestrais africanos que chegaram aqui, na situação de escravizados, portanto há um sentimento de pertencimento e identificação muito grande entre africanos e brasileiros negros.

Assim, registramos mais uma rica contribuição de uma voz africana no, e sobre o Brasil!

## Conheça a trajetória de Bianca Pereira, a nutricionista que se reinventou

**Sandrinha Flávia**

Graduanda em jornalismo, editora, locutora e mestra de Cerimônias

Estamos vivendo um momento em que as pessoas estão mais preocupadas com a saúde. Aos poucos, hábitos alimentares não ideais estão ficando para trás. Essa busca por uma alimentação melhor reflete diretamente no trabalho da nutricionista Bianca Pereira. Aos 37 anos, casada, dois filhos, a vida da nutricionista é uma correria, mas não uma loucura, pois é planejada. Natural de Belo Horizonte, capital mineira, a rotina da profissional começa cedo com atividade física, o que dá energia para a sequência de atividades profissionais que se seguem durante o dia. São várias as formas de atendimento, home office, atendimento em domicílio, em clínica ou até mesmo sessão de coaching de emagrecimento individual, ou em grupo. Organizada e disciplinada que é, ainda sobra tempo para frequentar a igreja duas vezes por semana, às vezes como cantora e, aos finais de semana, a família em primeiro lugar, folga para passeios com o marido e dois filhos.

O sucesso que hoje Bianca Pereira desfruta foi plantado com muita dificuldade, mas a força de vontade e a colaboração de muita gente foram combustíveis para ela continu-

Foto: Patricia Gomes



ar. Tudo começou ainda na infância. Sua mãe, Ivone das Graças, sempre se preocupou com a boa alimentação e essa ação foi definitiva na hora de escolher a profissão. Durante uma amostra de profissões no Centro Universitário de Belo Horizonte – UniBH, Bianca conheceu vários cursos, dentre eles nutrição. Naquele momento, não teve dúvidas, e definiu que seria essa profissão que queria para a vida. Foi aí que começou a saga: “Fiquei durante 1 ano e meio tentando bolsa pela própria universidade. Todo final de semestre, eu ficava devendo mais de R\$3 mil e cada final de semestre, eu fazia um empréstimo, parcelava com cheque ou pedia às pessoas dinheiro emprestado. Depois de um ano e meio, consegui 50% de bolsa, mas já estava completamente endividada. E foi assim durante os 4 anos de graduação, pagando os empréstimos, mensalidades, passagens de ônibus, xerox, lanches...Não foi fácil.”, relatou Bianca.

Além das dificuldades financeiras, Bianca estudava no turno da manhã, saía de casa às 5h30min, à tarde seguia para o trabalho em um call center de venda de medicamentos e só voltava para a casa às 22h. Por conta das longas horas fora de casa, não tinha um contato diário com o filho. “Por causa dessa ausência, a criança começou a dar trabalho na escola e em casa. Esse era o motivo, o desafio: “Várias vezes eu quis desistir porque ele sentia muito a minha falta e ficava agressivo comigo e na escolinha”, diz.

Sua mãe, principal incentivadora, cuidava do pequeno e sempre tinha palavras de incentivo na ponta da

língua a qualquer sinal de desistência. “Minha mãe cuidava do meu filho com muito carinho, dizia que tudo isso ia passar, me dava todo dinheiro que conseguia com o trabalho de cabeleireira e, para completar a renda, produzia sanduíche natural para eu vender na faculdade. Os incentivos vinham também do seu marido Fábio, seu pai Benedito Gregório, e suas tias Rosália e Zenilda.

Além dessas dificuldades, ainda tinha as barreiras raciais. Única negra da sala e que trabalhava fora, a futura nutricionista sentia na pele as diferenças no dia a dia. Com muita dificuldade, conseguiu se inserir em um grupo de amigas que, apesar de serem de classe média e brancas, a tratavam muito bem, e com igualdade, diferente das outras alunas da sala. Apesar de todas as diferenças sociais, culturais e raciais, as notas eram sempre altas.

A caminhada seguia até que chegou o momento do estágio. Mais uma vez, Bianca viu a diferença racial falar mais alto. “Realizei estágios em clínica, hospital, UAN (cozinha) e asilo. Adorava cuidar dos idosos. Foi bom, mas o fiz com minhas amigas brancas e de classe média e no hospital especificamente sentia certa distinção por causa da raça e do poder aquisitivo. No estágio em UAN, a nutricionista chefe gostou tanto do meu trabalho que me contratou para mais seis meses de estágio remunerado, e dizia que em breve me colocaria no lugar dela. Fiquei muito feliz e criei expectativas, mas, depois de 2 meses, engravidei do meu filho mais novo. Confesso que achei que minha carreira iria desabar, mas Deus tinha planos maiores”, ressaltou.

Bianca não desanimou, era mais um obstáculo, mas tinha um propósito em sua vida: crente e mulher de muita fé, buscou em Deus a provisão financeira para conseguir uma colocação profissional assim que terminasse a graduação. “Assim que me formei, fiz panfletos e entregava por onde passava, escolas, sacolões, igrejas etc. Um dia, surgiu a oportunidade de trabalhar em uma clínica, área que eu sempre quis e daí não parei mais”.

Bianca se formou em 2009, logo após, cursou pós-graduação em nutrição clínica, fez vários cursos de fitoterápico e, em 2017, se especializou em coaching de emagrecimento consciente, o que deu uma reviravolta em sua forma de trabalhar.

A diferença é que antes Bianca fazia somente atendimento nutricional com a dieta em clínicas e em domicílio, mas a falta de persistência de vários clientes a deixava preocupada, pois muitos voltavam a engordar. Para essa questão, ela encontrou uma resposta: “Com o curso de coaching entendi com funciona nosso cérebro através da neurociência e PNL, então percebi que acontece o emagrecimento definitivo se realmente transformar a mente primeiramente, porque no nosso cérebro existem 4 engrenagens cerebrais: 1º pensamento, 2º sentimentos/emoções, 3º Comportamento e 4º hábitos”. Agora, a nutricionista considera o atendimento mais completo tanto do corpo como da mente. “A pessoa troca o chip de gordo pelo chip de magro, e permanece magro para sempre”, finaliza.

ÁFRICA

# Uma profissão, dois países: uma queniana vivendo no Brasil

## Os desafios e o mercado de trabalho na visão de Priscilla Mungai

**Samira Reis**

Jornalista, modelo e maquiadora

O ano era 2014. Época em que Priscilla Nyambura Mungai foi selecionada para integrar a RHI Magnesita, após participar de um programa de trainee global conduzido pela empresa.

Natural do Quênia, a engenheira industrial e mestranda em Ciências dos Dados chega ao Brasil com o novo destino: Belo Horizonte.

“Atualmente, trabalho na área de melhoria contínua. Cresci dentro da empresa até minha posição atual, como analista sênior. Trabalho em projetos de melhoria contínua nas fábricas da América do Sul.

O objetivo é melhorar a eficiência da produção e também garantir a segurança no local de trabalho”, explica.

Uma das principais dificuldades no início, segundo Priscilla, foi o idioma. O Quênia é um país multilíngue, mas o inglês e o *kiswahili* são as línguas oficiais. Tanto essa barreira como a distância de familiares e amigos foram, ao longo dos meses, sendo contornados. O apoio incondicional dos que ficaram estimularam a buscar novas

oportunidades e experiências valiosas. “Quando posso visitar o Quênia, sempre volto para o Brasil bastante rejuvenescida e muito apreciativa das minhas raízes africanas e de como minhas experiências passadas são um dos principais fatores que têm e continuarão a contribuir com o meu sucesso. Por isso, espero poder me desenvolver e devolver ao meu país de alguma maneira”, diz.

Inserida em um meio ainda dominado por homens, a engenheira percebe que as brasileiras estão mais capacitadas quando se trata de acesso e oportunidades no local de trabalho quando comparadas às do país de origem. No entanto a luta por igualdade nesses espaços são semelhantes. “As mulheres do meu país lutam com os mesmos problemas enfrentados aqui: (especialmente em indústrias historicamente dominadas pelos homens), as diferenças salariais entre homens e mulheres, ter que gerir um lar e desenvolver uma carreira ao mesmo tempo e até mesmo o assédio sexual no local de trabalho. Em ambos os países, o local de trabalho está se tornando mais receptivo às mulheres por causa dos esforços que foram feitos por aquelas que vieram antes de nós. No entanto, ainda há muito mais que pode ser feito”, comenta.

Viverem terras brasileiras também proporcionou um novo olhar sobre ser negro fora do continente africano. A engenheira afirma que a raça de alguém no Quênia não é uma questão primordialmente discutida ou focada dentro da sociedade. No entanto, tem conhecimento de como esse assunto impacta na realidade do Brasil. “Esta experiência me fez muito mais consciente do que significa viver a experiência negra fora da África, além de me fazer muito apreciativa do meu país, onde nunca precisei questionar se minha raça é um impedimento para uma boa educação, para oportunidades de carreira, ou até mesmo se eu me encaixo num padrão de beleza em termos de cabelo e cor de pele”, assinala.

Ver mais mulheres, consequentemente mulheres negras sendo reconhecidas nas respectivas áreas de atuação também é um sonho de Priscilla. A busca pela educação, o foco no potencial, e por acreditar na necessidade de um ambiente de trabalho diverso, fizeram toda a diferença para as conquistas. Mesmo que seja necessário romper barreiras. “Mais importante ainda foi o fato de não nos esquecermos de trazer outras mulheres conosco. Ao nos preparar para as oportunidades através do estudo e da prática,

podemos provar que também somos habilidosas no que fazemos e que abraçar a diversidade não significa comprometer a excelência. Trabalhe o que for necessário e nunca duvide da sua capacidade de ser uma inovadora, uma líder ou uma fabricante de mudanças”, frisa



Foto: Leticia Souza



Foto: Leticia Souza

# Hip Hop: Estética negra, fenômeno cultural

**Maria Luiza Viana**

Doutoranda em Design pela USP, graduada em Artes Visuais e mestra em arte e tecnologia da imagem pela UFMG. Professora no Curso de Design na UFMG



Ilustração: Érico Cornélio

*...break dance, electric boogie, graffiti e rap. ...homens e mulheres... caribenhos e negros continentais, anglófonos: afro-cubanos, afro-haitianos, afro-jamaicanos, afro-dominicanos e afro-porto-riquenhos. A África crioula, sob o domínio de cinco grupos, intensificando as influências anteriores de Garvey, Parker, Coltrane e Malcom X. (Robert F. Thompson)*

E assim surge o hip hop, numa mistura de tudo que era produzido nos guetos negros e hispânicos em Nova Iorque nos anos 1970. Jazz, soul, break, experimentações musicais eletrônicas e graffiti. Nasce daí um dos mais importantes movimentos culturais urbanos contemporâneos.

Contudo, além do caráter festivo do Hip Hop, vale ressaltar também a sua perspectiva política, de afirmação da condição étnica da comunidade negra dos EUA no contexto racista deste país.

Para compreender o Hip Hop, é preciso entender o cenário político e social de Nova Iorque nos anos 1970: o desemprego, a guerra do Vietnã, a criminalidade, a violência e um evidente descaso das autoridades com as questões vivenciadas pela população negra daquele país. Há de se lembrar também dos projetos urbanísticos higienistas implantados nessa cidade que forçaram a população pobre a se relocar nos guetos do *South Bronx*, que encontravam-se em condições de abandono e de degradação. Eram moradias precárias, destruídas pela especulação imobiliária e territórios dominados pelas drogas e pela violência das gangs urbanas.

O Hip Hop emerge nessa realidade, inspirado também nos movimentos antirracistas dos anos 1960: os ideais pacifistas de Martin Luther King, as afirmações de autenticidade étnica *Black Power*, os *Black Panthers* e as ofensivas de Malcom X frente às questões vivenciadas pelos negros(as) nos EUA.

É no ensejo das lutas sociais que ocorrem nos anos 1960 e 1970 que a comunidade negra estadunidense irá buscar soluções para os seus problemas e formas alternativas de enfrentamento ao racismo. O *blackpower* surge como forma de fortalecer a identidade, aproximando os (as) negros(as) de tradições culturais não europeias, provocando uma retomada às suas origens africanas; na sonoridade, na visibilidade, como o uso de *dreadlocks*, cabeleiras, vestimentas coloridas etc.

*O black é assim um exemplo não apenas do caráter político das novas identidades, isto é, de seu caráter posicional e conjuntural (sua formação em e para tempos e lugares específicos), mas também do modo como a identidade e a diferença estão inextricavelmente articuladas e entrelaçadas em identidades diferentes, uma nunca anulando completamente a outra (Stuart Hall, 2001)*

Para Paul Giroy, o movimento *blackpower* propunha uma reconfiguração da relação entre África e as populações de africanos do hemisfério ocidental. Os *Black Panthers*, amparados em leis e no conhecimento político e social de movimentos sociais de outros países, tinham o objetivo de ajudar os (as) cidadãos(as) negros(as) a se protegerem e a combaterem o abuso de poder, principalmente da polícia.

Tanto a consciência *blackpower*, quanto à organização *Black Panthers* exerceram forte influência no Hip Hop, uma vez que tratavam da consciência das tradições afro-diaspóricas e do reconhecimento dos direitos políticos e civis dos negros (as) como forma de enfrentamento à criminalidade e à pobreza.

Contudo, além de sua ancoragem nas tradições africanas e de seu conteúdo político, vale lembrar também que o Hip Hop funciona dentro de uma realidade mediada eletronicamente, embutindo relações entre mídia e cultura de massa. O que aumenta o seu caráter eclético e sua potência comunicativa e integrativa, capaz de simultaneamente evocar forças ancestrais e suscitar questões contemporâneas.

*Aqueles que ficaram perto das ruas (afro-latinas) preservaram a semente de algo autêntico dentro de si mesmos. Na sua recusa de comportarem como europeus, na sua luta para arrancar alguma essência tropical dos obstáculos duros e envelhecidos da cidade, construíram as fundações do que parece estar destinado a se tornar à próxima grande subcultura de Nova Iorque (Richard Goldstein).*

O encontro dos elementos rap, break, graffiti e djs possibilita várias interpretações que envolvem a estética negra: o rap evidencia o poder verbal, cuja origem está ligada à tradição da oralidade africana remontando aos gritos, narrativas

orais existentes em algumas regiões da África, apoiadas por instrumentos melódicos. Essa prática gerou entre os afro-americanos uma espécie de construção verbal própria, uma inversão semântica, o discurso indireto, a simplicidade simulada e a paródia oculta, designadas para esconder, da hostilidade dos ouvintes brancos, o significado real das palavras. Síntese da expressão *rhithym and poetry* (ritmo e poesia), o Rap promove uma espécie de fusão em que faixas musicais são mixadas, com batidas eletrônicas coladas no discurso verbal que reflete na fala questões vivenciadas nas periferias.

*Uma tendência mais para uma apropriação reciclada do que para uma criação original única, a mistura eclética de estilos, a adesão entusiástica à nova tecnologia e à cultura de massa (Shusterman, 1998)*

O break estilo de dança inspirado nas performances de James Brown caracteriza-se pela fusão de elementos que compunham a cultura do *Bronx*, danças, lutas marciais e gestos fragmentados acompanhando as quebras e frequências rítmicas das mixagens.

Nos grafites, a tradição se faz pela escrita, uma vez que surge como efeito de um discurso nas letras, palavras, em geral ilegíveis, feitas para serem reconhecidas apenas entre os escritores de rua, como se denominavam. Surgiam nos muros e vagões de trens como forma de transgressão e disputa territorial, misturando os nomes próprios, dos grupos de rua e elementos da mídia. Sua presença no espaço público pode significar a própria inserção simbólica, na cidade, de sujeitos com pouca visibilidade.

Os Djs ocupam a centralidade no Hip Hop, pois foi a partir das festas promovidas por eles, Jazzy Jay, Red Alert, Kool Herc, Dj Holywood, Grandmaster Flash e outros, que começam a surgir os encontros e

as disputas de dança e de rap, entre os grupos. Em 1973, o dj nova-iorquino Afrika Bambaata funda a Nação Zulu, inspirado nas lutas sociais dos jovens da Jamaica e de Soweto. Era uma espécie de organização não governamental, cujo objetivo era integrar os estilos diversos que surgiam. Os encontros integravam performances e disputas de música, dança e graffiti, e entre os “irmãos de rua” funcionava como forma de minimizar e substituir as guerras entre as gangs e abrir perspectivas positivas entre os jovens frente à violência das ruas. Bambaata, como dj, misturou voicais tribais africanos às bases eletrônicas do grupo alemão Kraftwerk, criando um novo estilo musical, o elektro.

Visualidade, sonoridade, gestualidade, tecnologia, moda, consumo e atitude: o uso dessas categorias integradas constituem os elementos estéticos do Hip Hop, hoje. O movimento segue como uma referência transnacional, capaz de conectar homens e mulheres de todo o mundo. Saiu do universo underground e tornou-se popular, representando uma parcela significativa na indústria fonográfica nos EUA.

Como uma prática cultural global, articula sensibilidades da diáspora afro-americana e da história da afro-América, cria um “intercâmbio diaspórico” e uma “intimidade diaspórica” entre povos negros de vários lugares do mundo que compartilham de problemáticas sociais similares. Coloca em questão uma origem ancestral evocada, um elemento antigo que permite atravessar os problemas cotidianos e chegar à criação.

No Brasil, no início dos anos 1980, o Hip Hop já mobilizava a juventude das periferias das grandes cidades. Um país cuja maior parte da população sofre pela desigualdade, violência e racismo, não poderia deixar de identificar-se com o Hip Hop. Assim, nos anos 1980, começam a surgir, nas grandes cidades brasileiras, os primeiros grupos em torno das rodas de break, a exemplo do filme Beat Street. Embora o break não tenha no Brasil alcançado espaço significativo no mercado cultural, mantém

o seu caráter coletivo e social, pois representa simbolicamente as particularidades presentes no cotidiano de uma parcela dos jovens das nossas periferias.

O Hip Hop permanece até os nossos dias como um movimento potente, político e criativo, representa a afirmação da condição social de muitos jovens pobres, negros e a força para enfrentarem as lutas diárias que têm que travar com a sociedade. Essa afirmação passa também por suas expressões corporais nos hábitos, gírias, alfabetos, gestos próprios, vestimentas e tudo mais que compõe seu repertório signífico. Muitos desses elementos, em forma de produtos, configuram-se como um tipo de vertente-comercial do Hip Hop que inclui, marcas e produtos próprios, lojas especializadas, articuladas com o mercado e com estratégias comerciais de afroempreendedorismo.

O culto do corpo e do figurino aparecem no Hip Hop como vetor de agregação, como um tipo de estética que ultrapassa a “individualização” e que se exprime na sensação coletiva, evocando mecanismos e componentes potentes da comunicação e na cultura negra no mundo contemporâneo.

O que chama muito a atenção no Hip Hop é a sua capacidade de possibilitar que jovens negros, pobres, se reconheçam étnica e culturalmente e projetem suas experiências artísticas na cidade. Através dele, vemos emergir novos sujeitos do discurso que saem de territórios estigmatizados negativamente da cidade e ascendem-se na esfera pública, trazendo um discurso distante das instituições políticas tradicionais e próximo da cultura contemporânea.

#### REFERÊNCIAS

CASTLEMAN, Craig. Getting up: Subway Graffiti. Londres: The MIT press, 1982.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência. Tradução: Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

MCLAREN, Peter. Multiculturalismo revolucionário. Petrópolis. Vozes, 1992.

THOMPSON, Robert F. Realismo, heroísmo e as ruas: Jean Michel Basquiat. XIII Bienal Internacional de São Paulo.

BENTES, Ivana. O Espetáculo do contra discurso. Jornal Folha de São Paulo/Mais! São Paulo, 18.ago.2002.

## Cara Pintada e (Re)desenhar

Miriam Alves

É escritora e poeta

### Cara Pintada

Minha cara  
face feições  
foram idealizadas  
por Oxalá  
moldada na verdade natural  
Vida que ostento

Minha cara pintada é essa  
saio as ruas  
todos os dias  
dia após dia

Luta constante  
pela dignidade

### (Re)desenhar

Entre os traços  
que faço  
refaço  
introduzo  
re-introduzo  
as escondidas  
redefino  
aspirando partículas voláteis  
modelo formas  
faço  
laço  
nas fitas de cores muitas  
sobressaio.



Ilustração: Maria Luiza Viana

Maria Luiza Viana

Doutoranda em Design pela USP, graduada em Artes Visuais e mestra em arte e tecnologia da imagem pela UFMG

## Amok Teatro completa 20 anos de história

**Naiara Rodrigues**

Jornalista e assessora de imprensa

Foto: Alina Yuan



Com sede no Rio de Janeiro, a companhia AmoK nasceu da parceria entre a brasileira Ana Teixeira e o francês Stephane Brodt, diretores do grupo. “Surgimos dentro de um processo artístico de pesquisa formal. Ancoramos nossa visão de teatro a da confrontação prática das obras de Antonin Artaud, Etienne Decroux, na cisão do trabalho de grupo e do teatro oriental” afirma, a diretora Ana Teixeira.

Da especificidade das técnicas em comum, veio o sonho de construir a Amok que, além de desenvolver espetáculos cênicos, traz em seu cerne a pesquisa. “Somos uma companhia fixa que produz espetáculos, mas isso não é a nossa atividade principal. Grande parte do

trabalho é dedicada ao estudo das técnicas corpóreas do ator, linguagens cênicas e a formação, que para nós têm se tornado cada vez mais importante”, destaca Ana. Desde a sua fundação em 1998, o grupo já desenvolveu nove projetos teatrais que reafirmam o seu caráter multicultural. Um deles, desenvolvido a partir de 2013, trouxe para o foco das pesquisas as formas narrativas que têm como base a oralidade da cultura matriz africana. Assim, desenvolveram dois espetáculos que trabalham duas visões de África: a ancestral e a pós-colonial.

O primeiro deles é “Salina (a última Vértebra)”, baseado no texto do autor francês Laurent Gaudé. Trata-se de um texto contemporâneo

que bebe da tragédia grega, mas que faz um mergulho numa África ancestral e mítica. O projeto já saiu em turnê internacional e pelo país, e se prepara para voltar à Ásia no fim do ano com apresentações confirmadas na China, e com possibilidade de se estender à Coreia do Sul e ao Japão. Além de uma grande pesquisa, o projeto contou com um longo processo de formação de 20 novos atores, sendo que dez deles passaram a integrar o elenco, sendo em sua totalidade negro. A Amok também convidou um grupo de dança de Moçambique, Grupo Hodi e o Mestre Jorge Antônio do Congado de Minas, da comunidade dos Arturos, para um intercâmbio cultural durante o processo de pesquisa.

Outra peça foi o espetáculo “Os Cadernos de Kindzu”, adaptação do livro “Terra Sonâmbula”, de Mia Couto, que traz para o centro do debate a questão do imigrante. A história tem como fio condutor a história de um jovem que parte em viagem a fim de fugir das atrocidades de uma guerra civil. A diretora destaca que os dois projetos trazem o protagonismo negro para o centro dos palcos. “O signo negro é abordado de outra forma, isso têm um caráter político, que era nítido desde o início do projeto. O corpo negro em cena frequentemente afirma o lugar de invisibilidade social e de estereótipos, o que na minha visão já mudou muito de três anos para cá. Na maioria das vezes, o signo negro é um apoio para o protagonismo branco, e em Kindzu, por exemplo, que tem um elenco misto, esse padrão é invertido”, conclui Ana Teixeira sobre o espetáculo que coloca viva a questão da barbárie da colonização na África.

## Eles estão de volta!

Celebrando 20 anos de trajetória, Julgamento lança terceiro CD em clima de festa no Teatro Francisco Nunes

**Bruno Vieira**

Mestre em Psicologia Social e bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Minas Gerais. É DJ amador e integrante do coletivo Pretas em Movimento, de Belo Horizonte

O terceiro sinal toca. As luzes se apagam. Um chiado de televisão ecoa pelo teatro. Aparecem no palco projeções como se fossem aparelhos de TV. Trechos de noticiários são exibidos – sempre precedidos de um sonoro e típico “boa noite” ao estilo Jornal Nacional. O ruído enche o espaço. Até que, em um determinado momento, as “televisões” se apagam e o show começa. Em breves palavras, é assim que se iniciou o lançamento de Boa Noite, terceiro álbum da banda belorizontina Julgamento. O evento se deu no dia 26 de janeiro de 2018 com um teatro cheio de pessoas do hip hop e da cultura negra em geral.

A banda remonta aos anos 1990, tendo se iniciado com o vocalista/MC Roger Deff e com alguns de seus amigos do bairro Jardim Alvorada, na região Noroeste de Belo Horizonte. São várias as inspirações para o Julgamento – em nível nacional, o MC cita Racionais; Gabriel,

O Pensador e Pavilhão 9. Em nível local, Deff observa que Dokktor Bhu e o Divisão de Apoio foram importantes na construção da banda, não somente no que tange à sonoridade, mas também no conteúdo das letras. “Pessoalmente foi algo que me abriu os olhos para as possibilidades de construção da música, e o Dokktor me inspirou mais na forma como abordava os temas. Era bem diferente do que todo mundo estava fazendo porque eles [Divisão de Apoio] tinham uma identidade bem definida, num tempo em que todo mundo queria ser um novo “Racionais”. Isso diz muito sobre como o rap daqui seguia seus próprios caminhos”, afirma Deff.

O disco Boa Noite reúne diversas vozes em uma pauta comum. Artistas como BNegão, Marcelo Veronez, Tamara Franklin e Dokktor Bhu contribuem não só para as letras e melodias do álbum como também para o peso político que o

CD traz. A temática central é a questão do direito à comunicação dentro do contexto de como os noticiários se engajaram no golpe institucional contra a presidenta Dilma Rousseff, realizado em 2016 – ano no qual as composições do disco se iniciam. “Boa parte da imprensa teve seu papel nesse contexto não apenas na condução da narrativa do golpe, mas como agente político, com lado ideológico bem definido. ‘Boa Noite’ fala disso. O título, inclusive, é uma referência irônica ao ‘boa noite’ dos telejornais”, comenta.

“A revolução não será televisivada”, como diz o poeta estadunidense Gil Scott-Heron. E o novo trabalho do Julgamento faz uma forte apologia à essa máxima. O papo de Boa Noite é reto: estamos no foco do caos político e é necessário apontar novos caminhos, um novo lugar para a construção de uma sociedade que respeite o semelhante”, finaliza.



Foto: Marco Aurélio Prates



Foto: Mauro Brito



## COTIDIANO Notícias

Equipe Casarão das Artes

### Albino, o colaborador africano, que deixa o plano físico!

Um dos colaboradores da Revista Canjerê, o jornalista e fotógrafo africano Albino Moisés, de Moçambique, faleceu no dia quatorze de março. Ele era uma pessoa amada por toda a equipe da Canjerê e do Casarão das Artes BH. Albino era o nosso consultor moçambicano e somos gratas/os por todo o ensinamento compartilhado. Seus trabalhos atravessaram o oceano para serem apreciados no Brasil. Sua exposição fotográfica intitulada "Muthianas e Capulanas de Moçambique" foi exposta no Centro Cultural Banco do Brasil, em Belo Horizonte, no ano de 2015. Mas essa não foi a primeira vez que o jornalista expôs seus trabalhos por aqui. Com curadoria da pesquisadora e curadora do Casarão das Artes, Rosália Diogo, entre 2013 e 2014, a exposição "Mwana Mwana: pérolas do Índico", que retrata as diferentes facetas da infância em Moçambique, ficou em cartaz em alguns Centros Culturais da cidade, bem como no Restaurante Popular do Barreiro. A única vez que Albino Moisés esteve no Brasil foi em 2013, justamente por causa da visibilidade que a sua primeira exposição alcançou no nosso país. Saudades eternas dessa pessoa que fez a diferença em nossas vidas! Que o seu espírito siga em paz, amigo!

### Praça Paris

O longa Praça Paris, de Lúcia Murat, que rendeu os Prêmios de Melhor Atriz para Grace Passô e Melhor Direção para Lúcia Murat no Festival do Rio 2017 já está disponível nos cinemas. O filme, que estreou no dia 26 de abril, traz a história de Glória (Grace Passô), personagem marcada pela violência de um pai abusivo e do irmão traficante, que passa a receber atendimento clínico da jovem psicanalista Camila (Joana de Verona). Camila é portuguesa e está no Brasil realizando pesquisas de pós-graduação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde Glória trabalha como ascensorista. Um vínculo, então, se estabelece entre as duas mulheres extravasando os limites do consultório em um contundente caso de contratransferência psíquica.

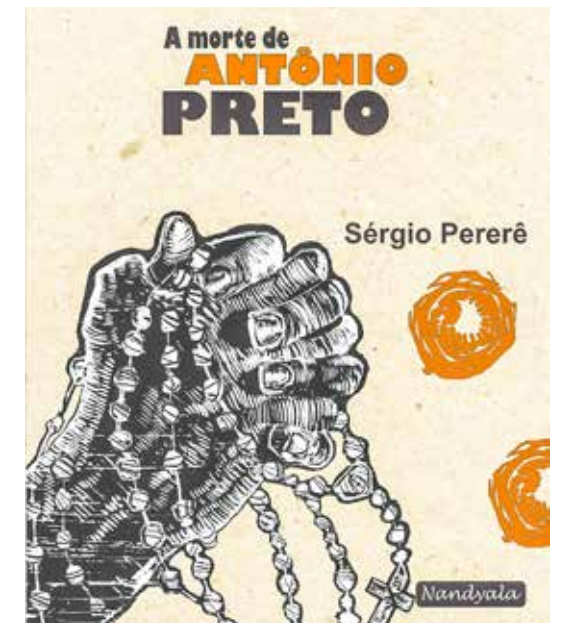
Foto: Divulgação



### Lançamento: As Crônicas de Rubens Giaquinto

O livro As crônicas de Rubens Giaquinto já está disponível no mercado. A obra é destinada a todos os públicos, mas tem forte apelo para o público adolescente das periferias, já que retrata muito da realidade por eles vivida, sendo excelente veículo para o incentivo à leitura e para trabalhos pedagógicos. Rubinho, como é conhecido, é Idealizador do projeto "Movimento dos Sem Palco", que cria oportunidades para novos talentos. Ele é presença ativa na cena alternativa mineira, além de atuar também como ativista social, professor de música e educador empenhado na inclusão de jovens através da arte.

Foto: Divulgação



### A Morte de Antônio Preto, de Sérgio Pererê

O músico, cantor e compositor mineiro Sérgio Pererê lançou seu romance "A morte de Antônio Preto" pela Editora Nandyala, inspirado na cultura popular de Minas Gerais. Em rimas, como na literatura de cordel, o livro é um mergulho no universo do Reinado, onde estão presentes os festejos de Catopês, Marujos e Caboclos. De acordo com o autor, a obra surgiu de histórias familiares e outras experiências em casa: "Minha mãe sempre falou da morte com grande tranquilidade, por vezes, até chegava à comicidade. Ela contava a história do meu avô que morreu, mas ressuscitou por meio da ação de um curandeiro misterioso", destaca o artista sobre uma das narrativas trazidas em seus versos.

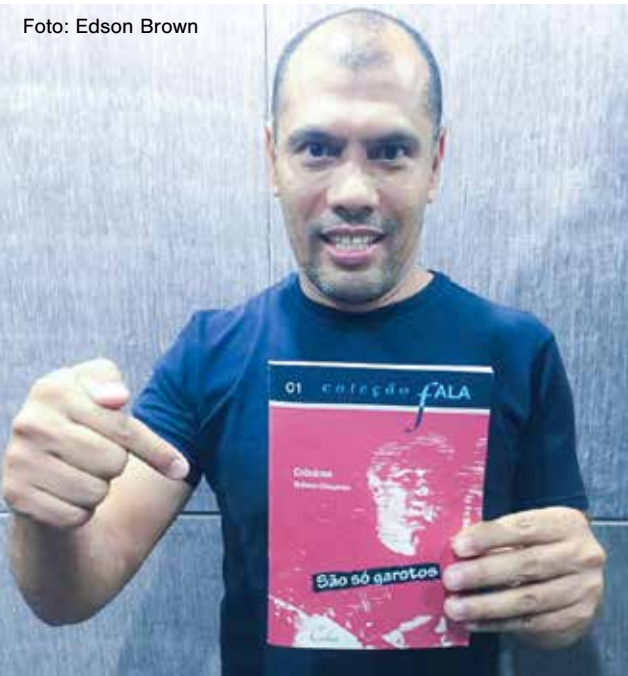


Foto: Edson Brown

É o primeiro livro da coleção Fala, da Cérbero Edições.  
Informações: (31) 9.9278.9569

### Wakanda Forever

O filme Pantera Negra se tornou a mais rentável produção da história no país dentre os filmes de super-heróis, aprovada por ativistas negros/as. O filme apresenta um lado da África nunca destacado pelas produções cinematográficas antes, um continente cheio de riquezas tecnológicas, uma África fora da linha da pobreza. O sucesso é tanto que a frase pronunciada várias vezes no filme "Wakanda Forever", dita com orgulho pelos habitantes de Wakanda, se tornou uma ideologia, e agora está mais forte ainda estampada em camisetas. A marca Kftá, da empresária e modelo Chris Souza, lançou as camisetas "Wakanda Forever". A empresa trabalha com coleções conceituais e recheadas de representatividade negra. A empresária assistiu ao filme e saiu da sala decidida a fortalecer a frase por meio da moda.

Fotos: Bruno Gomes



### Festa do Rosário do Reinado 13 de Maio

A Festa de Nossa Senhora do Rosário será realizada entre os dias 1º e 13 de maio pela Guarda de Moçambique treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário. Neste ano, o festejo comemora também os 130 anos da abolição da escravatura e os 74 anos da guarda. A série de celebrações acontecerá na Rua Jataí, 1309, no bairro Concórdia.



Foto: Veronica Manevy



## NOTÍCIAS

### Batuquenatividade: um dia de vivência Quilombola

O projeto BATUQUENATIVIDADE foi criado em 2016 com objetivo de proporcionar conhecimento sobre a cultura quilombola por meio da experiência participativa. Os encontros acontecem na Comunidade Quilombola de Marinhos, que fica em Brumadinho-MG, e oferecem várias atividades: oficina de Percussão, festival de pipa, vivência Quilombola – “Café, Batuque e Prosa”, contação de histórias – “Memórias Ancestrais”, literatura, feira afroempreendedora, etc. Para participar do dia de vivência quilombola, entre em contato com os idealizadores do projeto, Jana Janeiro ou Reibatuque, para se informar sobre valores e as próximas datas programadas.

Email: batuquenatividade@gmail.com

WhatsApp (31) 9.9150.4703 - (31) 9.9760.1153

### Mostra Benjamin de Oliveira 2018

A edição 2018 da Mostra Benjamin de Oliveira já tem data confirmada para BH: entre os dias 5 e 10 de junho, o Teatro Francisco Nunes e espaços públicos da Capital irão sediar a programação que promete espetáculos de dança e performance de grupos e/ou coletivos que tenham elenco formado predominantemente por artistas negros. A Cia Burlantins – idealizadora do projeto – está na fase de seleção das propostas e contempla performance e/ou dança contemporânea, clássica, patrimonial, tradicional, social, urbana, salão, entre outras linguagens



Foto: Patrick Arlei

Foto: Divulgação



### Cirque Africa

Pela primeira vez, Cirque África chega ao Brasil com apresentações em três cidades: em São Paulo, dias 12 e 13 de maio; no Rio de Janeiro, dias 25 e 26 de maio, e em Belo Horizonte, dias 09 e 10 de junho. Direto do Continente Africano, artistas do Quênia, Etiópia, Nigéria, Burkina Faso, Costa do Marfim e África do Sul desembarcam para a primeira turnê na América Latina. As apresentações prometem mexer com os sentidos da plateia, trazendo um show que celebra a energia, criatividade, beleza e talento de toda a cultura do continente africano. Com direção de Nema Girmanesh Kiros e Augusto Stevanovich, esse é um espetáculo que conta com muita dança, música, acrobacias e surpresas incríveis. As apresentações são construídas com técnicas especializadas em acrobacia, contorcionismo, equilíbrio e malabarismo, unindo características clássicas de duas escolas conhecidas: o repertório milenar do Circo de Pequim e o domínio técnico do Circo de Moscou.

### Circula Minas 2018

A Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais está com inscrições abertas até 31 de agosto para o edital de intercâmbio Circula Minas 2018. Em três anos, o programa já levou 256 artistas, produtores e pesquisadores mineiros, aos cinco continentes do mundo. Dividido em quatro períodos de inscrição, o programa viabiliza viagens por todo o Brasil e pelos cinco continentes. Para impulsionar os trabalhos dos diversos segmentos culturais e dar visibilidade à arte mineira, o investimento total será de 300 mil reais. O objetivo é fomentar a troca de experiência, a formação de rede de contatos e a propagação do fazer artístico e acadêmico. Mais informações no site [www.cultura.mg.gov.br](http://www.cultura.mg.gov.br)

# Africanidade é questão de estilo!



## Acessórios hand-made estilo afro-brasileiro é com a Nega Badu!



Contato: (31) 3347-3763 | 99339-2795

[www.facebook.com/NEGA-BADU-503633653106251](http://www.facebook.com/NEGA-BADU-503633653106251)

# Nutrição e Hidratação

Óleo de coco + Óleo de Argan + D-Pantenol

#AfroLivre

\*Livre de parabenos e petrolato



[www.niaricosmeticos.com.br](http://www.niaricosmeticos.com.br)